

## Dossiê – Cultura, imaginário e educação

A FaE/UFPel, com apoio do Programa de Pós-Graduação em Educação, realizou em abril deste ano o I Colóquio Interinstitucional sobre *Imaginário, Cultura & Educação*, desenvolvendo o tema *Saberes e Imaginários*. O Colóquio foi estruturado porque é recorrente a afirmação de que o século XX viu a construção de uma “civilização da imagem”, graças aos gigantescos progressos técnicos relativos à produção imagética (fotografia, cinema, “imagens de síntese”, etc.) e aos meios de reproduzi-las (televisão, telefax, internet, videocassete, CD-ROM, etc.). Pressente-se que essa inflação da produção e comércio de imagens, pronta para o consumo, acarretou uma reviravolta total em nossas filosofias, nossos saberes e imaginários. Portanto, na atualidade, este tema constitui-se, como nunca, num manancial de possibilidades crescentes de discussões, tanto no âmbito acadêmico, quanto no âmbito das políticas e projetos culturais institucionais.

Vivemos numa vertiginosa corrida temporal, onde os meios tecnológicos e comunicacionais nos arrebatam para mundos e imagens sofisticados, fazendo-nos escravos de um presente muitas vezes destituído de gênese. Isto é, a supremacia da imprensa, das novas tecnologias, da comunicação escrita – produtoras de sintaxes, retóricas, procedimentos de raciocínio – sobre a imagem mental (imagem perceptiva, imagem lembrança, fabulação, etc.) ou icônica (sobre as figurações pintadas, desenhadas, esculpidas, fotografadas), reduzidas à devida proporção, têm domesticado nossos saberes e nosso imaginário.

Se essa inovação em nossa civilização permitiu certamente recensar e, eventualmente, classificar – naquilo que chamamos “imaginário” – o “museu” de todas as imagens passadas, possíveis, produzidas e a produzir e, graças a essa exaustividade, viabilizou-se o estudo dos procedimentos de sua produção, transmissão e recepção, não terá essa inovação provocado uma ruptura, uma revolução verdadeiramente “cultural” na filosofia de biblioteca e de escritura, ou ainda, não tem sido essa a característica bimilenar do ocidente?

Certamente esses meios entretencem novas formas de pensamento, de comunicação e de produção de saberes, alterando os processos de relacionamento e de formação dos indivíduos.

Preocupados com as questões que dizem respeito aos saberes e imaginários, enquanto fundamentos da cultura e da educação de um grupo social, apresentamos, neste n. 18 do *Cadernos de Educação*, textos discutidos durante o Colóquio acima referido. Assim, objetivando apresentar e discutir teorias, pesquisas e experiências efetuadas no âmbito das relações entre *Cultura*,

*Imaginário e Educação*; entremear espaços de reflexão e *fazer* artísticos e culturais, inspirados na poética do vivido; e criar espaços para socializar pesquisas e experiências relacionadas com a temática proposta para o Colóquio, é que apresentamos, a seguir, textos debatidos no evento.

Jorge Coli, com texto intitulado “*Lucidez das trevas*”, defende que há “*uma lição a extrair do opaco, do escuro...,se não quisermos nos contentar apenas com exercícios exteriores de raciocínio*”. O autor, assim, aborda “*formas paralelas*”, às vezes conflitantes, “*entre instrumentos racionais e intuitivos, dentro da dimensão artística*”.

Marcos Santos, refletindo “*A Cultura das Culturas: Mytho e Antropologia da Educação*”, diante da “*insuficiência das explicações centradas no economicismo, sociologismo ou culturalismo estreitos*” e para “*tentar dar conta do nível de profundidade da relação pedagógica e das implicações de um projeto pedagógico (micro ou macroestrutural)*”, objetiva tornar claro “*o papel fundante dos processos simbólicos (G. Durand) e esquemas perceptuais (M. Merleau-Ponty) e a importância da vivência de uma prática coerente com uma visão antropológica da Educação na constituição da pessoa do educador e do educando (G. Gusdorf), a partir das metáforas e do trabalho de uma hermenêutica mythanalítica (M. Ferreira Santos)*.” O autor objetiva “*contribuir para uma recondução do racionalismo instrumental (idealista ou empirista) (...) aos seus limites, ampliando as possibilidades de uma razão sensível centrada no racionalismo poético (G. Bachelard) com importantes desdobramentos éticos (N. Berdyaev) e educacionais.*”

Lúcia Vaz Peres e Valeska Oliveira, com o artigo “*Imagens e imaginários: a dimensão simbólica do vivido e do pensado na formação de professores*”, objetivam expor o “*elo entre as metamorfoses do vivido e a formação de professores*”, declarando que “*o resgate da função simbólica se dá por meio de textos, contextos e imagens; pela energia do imaginário e dos símbolos, ultrapassando o pensamento intelectualizado.*”

João Manuel Cunha, falando de “*Apocalipse e salvação: por uma outra pedagogia das imagens*”, em tempos de “*globalização apocalíptica dos meios de produção e difusão cultural*”, afirma que é provável que “*a utopia de uma humanidade ilustrada*”, através da “*alfabetização universal*”, tenha desaparecido. Ante o mercado dominado por tecnologias da imagem, o autor afirma que “*cabe ao educador o exercício de pedagogias que possibilitem ao homem contemporâneo a produção de sentido com a leitura de textos imagéticos de representação estética.*”

Por sua vez, Jacira Reis da Silva, com um texto intitulado “*Imaginário e Representações sobre o negro: implicações na educação*”, discute “*relações inter-étnicas na escola*”, tendo o “*imaginário e as representações sobre o negro*” como “*pano de fundo*”, trilhando “*breve retrospectiva histórica*”. A autora aponta, por fim, para a necessidade da produção de “*representações não excludentes e não racistas.*”

**Editor**